

edusp



1914

Luciano Canfora

Paz feita de sangue¹

Rosa Rosa Gomes

O livro de Luciano Canfora, 1914, faz parte de uma coleção intitulada *Às 8 da noite*, dirigida por Sergio Valzania. A coleção nasceu de transmissões de rádio sobre diversos temas e depois foram transcritas e transformadas em livro, talvez por isso a linguagem do texto seja tão didática.

O didatismo do texto não retira dele a sua complexidade e erudição com referências a textos literários e filmes sobre “Um ano que marcou época”, conforme um de seus subtítulos.

O autor traça uma narrativa que nos conta sobre o ano em si, mas também sobre seus antecedentes e consequências. 1914 é o mote que o leva a problematizar as guerras mundiais e o fascismo. Essa história complexa e dinâmica inicia-se por problemas: por que algo marca uma época? E, até onde podemos retornar para entender o passado?

Marca uma época porque representa uma ruptura histórica. A Europa antes de 1914 é totalmente diferente, este ano muda todos os seus rumos e, para entender como chega a isso, é preciso retroceder. *Até onde?* Esta pergunta é a pergunta do historiador, que neste caso responde: até Napoleão, mais precisamente um pouco depois, até a Guerra Franco-prussiana de 1870.

1. Referência ao filme de Stanley Kubrick, *Paths of Glory*, traduzido no português como *Glória Feita de Sangue*.

Napoleão teria desencadeado a rivalidade entre França e Alemanha, que se tornou maior quando a Alemanha tomou a Alsácia-Lorena da França. Mas em 1870 não é apenas a rivalidade que se instaura de vez, mas também o binômio guerra-revolução. Neste ano, a guerra entre França e Alemanha leva também à Comuna de Paris, que é massacrada pelo governo francês com a ajuda da Alemanha. A partir daí, ver-se-á no século XX a Guerra Russo-japonesa e a Revolução Russa de 1905, a Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa de 1917, Alemã de 1918 entre outras.

Os antecedentes que começam em 1870 são constituídos por quarenta anos de preparação para o conflito. A tese do autor é que a Europa não estava entre dois caminhos, ela se preparava para o conflito, ainda que tivesse que sacrificar os desenvolvimentos até então conquistados para que pudesse subjugar-se uns aos outros. Na base desta história está o problema do imperialismo, da conquista colonial dentro e fora do continente. Os países queriam se expandir na Europa, sobre os Balcãs, e na África e Ásia.

Neste contexto, não se pode dizer que havia democracias, elas se constituem depois da guerra. Ainda que houvesse voto universal masculino na Alemanha, ele era parcial e a instituição para a qual se votava não tinha muito poder decisório. Mesmo a França da Terceira República tinha um sistema eleitoral que o autor considera prejudicial ao sufrágio universal e não era uma república consolidada.

Canfora aponta as forças socialistas daquele momento que tinham influência no movimento operário, principalmente na Alemanha, mas são colocadas diante do dilema de aderir à guerra e tentar com isso o seu lugar ao sol dentro do Estado ou se opor ao sentimento nacionalista e arriscar suas vidas com isso. Alguns optaram, mesmo na Alemanha, pela segunda alternativa, mas a socialdemocracia alemã, o partido socialista mais forte do momento, curva-se diante da euforia das massas e leva os outros partidos socialistas para a corrente nacionalista.

Ao final da guerra, quando a esquerda é colocada de novo na parede, principalmente da Alemanha, como a principal culpada pela derrota, ela se cala novamente e não contesta no debate sobre os erros das decisões tomadas em 1914.

Aponta finalmente que o fascismo nasce do começo da guerra, de 1914, quando as instituições de participação política mínima são silenciadas e os chefes de Estado e comandos militares tentam exercer o poder de maneira ditatorial. Esta é a consequência daquele

ano e ele constrói essa tese de maneira dinâmica, narrando os fatos e argumentando sobre as questões mais polêmicas em torno da guerra: os partidos socialistas, as alianças, as motivações imperialistas, a culpa alemã e o papel da imprensa. Este último é pontuado durante todo o texto, mostrando-se decisivo para a guerra e para a governança anterior.

O livro traz, assim, uma imagem das turbulências daquela época, que depois de cem anos ainda ressoam na esquerda nas discussões sobre as organizações políticas, o fascismo e a revolução, e na nossa sociedade no despudor com o uso do militarismo, pois aquele foi o primeiro grande conflito, de escala mundial, que matou milhões de pessoas. Uma vez feita a primeira chacina, a morte de milhares é naturalizada e as guerras são colocadas como períodos de paz – a “longa paz” durante a Guerra Fria, a “longa paz” que vivemos.